

**Dossiê: Antropologia e fotografia: experimentações e etnografias****Rural e urbano em trânsito: fotografias da vida cotidiana  
em uma cidade cearense****Antonio Micael Pontes da Silva**Universidade Federal do Ceará  
micaelpontessilva@aluno.ufc.br  
<https://orcid.org/0000-0003-0997-391X>**Antonio Ailton de Sousa Lima**Universidade Federal do Ceará  
ailtonlimah12@gmail.com  
<http://orcid.org/0000-0002-5696-2255>**André Victor da Silva Oliveira**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia  
Afro-Brasileira  
andrevictorsilva5@gmail.com  
<http://orcid.org/0000-0003-1382-2401>**RESUMO**

Este estudo se constitui em torno das questões que permeiam o ato fotográfico e as formas de expressão visual do social no âmbito da mobilidade rural e urbana. Objetiva-se analisar a fotografia como dispositivo e instrumento teórico-metodológico de compreensão social entre rural e urbano tendo como fio condutor o pau de arara. Assim, versa sobre uma experiência fotográfica na comunidade rural Riacho das Pedras até o centro urbano de Redenção, no Ceará. O artigo segue uma abordagem qualitativa, ancorada na observação participante sob uma análise crítica do discurso. Este percurso permite estimular um olhar crítico e simultaneamente imagético das dinâmicas cotidianas entre rural e urbano que fomenta a realidade social de uma cidade interiorana.

**Palavras-chave:** Antropologia da Imagem; Comunidade; Fotografia; Rural; Urbano.

## Rural and urban in transit: photographs of daily life in a city in Ceará

---

### ABSTRACT

This study was made around the issues that permeate the photographic act and the forms of visual expression of the social through the scope of rural and urban mobility. It aims to analyze photography as a theoretical and methodological device and instrument for social understanding between rural and urban, having the pau de arara, a kind of bed flat truck, as the guiding thread, and consequently, it is reported about a photographic experience in the rural community of Riacho das Pedras until the urban center of Redenção, a town in the state of Ceará, in Brazil. The paper adopted a qualitative approach, anchored in participant observation under a critical discourse analysis. This route allows us to stimulate a critical and simultaneously imaginary look at the daily dynamics between rural and urban that fosters the social reality of a countryside town.

**Keywords:** Anthropology of the Image; Community; Photography; Rural; Urban.

## Rural y urbano em trânsito: fotografías de la vida cotidiana en una ciudad de Ceará

---

### RESUMEN

Este estudio se centra en las cuestiones que permean el acto fotográfico y las formas de expresión visual de lo social en el contexto de la movilidad rural y urbana. El objetivo es analizar la fotografía como dispositivo teórico-metodológico e instrumento de entendimiento social entre lo rural y lo urbano, teniendo como pauta el pau de arara. Así, se trata de una experiencia fotográfica en la comunidad rural de Riacho das Pedras hasta el centro urbano de Redenção, una ciudad en Ceará, Brasil. El artículo sigue un enfoque cualitativo, anclado en la observación participante bajo un análisis crítico del discurso. Este camino permite estimular una mirada crítica y simultáneamente imaginativa a la dinámica cotidiana entre lo rural y lo urbano que propicia la realidad social de un pueblo rural.

**Palabras clave:** Antropología de la Imagen; Comunidad; Fotografía; Rural; Urbano.

## Introdução

*As fotos são apreciadas justamente por conterem o acaso, a surpresa, o inesperado, por ultrapassarem, de forma criativa, o universo das regras e das convenções.*  
(VON DER WEID, 2020, p. 34)

Este escrito retoma a fotografia como ato em caráter interpretativo, contemplativo, discursivo e conceitual capaz de instigar análises sobre os fenômenos sociais e, ao mesmo tempo, utilizar-se-á como um dispositivo e instrumento com funções teórica-metodológica, estética, imagética e reflexiva do *métier* do(a) pesquisador(a), não restringindo tão-somente a uma única área de estudo (BARTHES, 1984; FLUSSER, 1985; DUBOIS, 1993; BECKER, 2009; MARTINS, 2016). Nutrindo-se de epistemologias insurgentes e divergentes, conduz-se a múltiplos olhares e práticas sobre o cotidiano, seja no campo das artes, da sociologia, da antropologia, da filosofia ou dos estudos culturais.

Pensa-se a construção de imagens fotográficas como fichas simbólicas interpretativas na elaboração de cenários discursivos, não como apenas instrumentos contemplativos, mas sim, ferramentas analíticas e visuais do social. Desse modo, lança-se a problemática em torno das questões que permeiam o ato fotográfico perante as diversas tramas e formas de expressão visual do social (BECKER, 2009; MARTINS, 2016). Neste seguimento, o artigo propõe trazer no corpo do texto um experimento fotográfico que é em si a escrita do texto, objeto e método. Este acervo fotográfico se faz através de um automóvel conhecido popularmente no nordeste brasileiro como pau de arara — um caminhão adaptado para o transporte informal de passageiros utilizado comumente em algumas cidades interioranas e de pequeno porte.<sup>1</sup>

Nesse percurso, o estudo se passa no âmbito da mobilidade rural e urbana na comunidade rural Riacho das Pedras, localizada na cidade de Redenção<sup>2</sup>, no Ceará, cujo objetivo é analisar a fotografia como dispositivo e instrumento teórico-metodológico de

---

<sup>1</sup> Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE) e o Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (Ipece), leva-se em consideração a categoria cidade de pequeno porte os municípios com número populacional menor que 50 mil habitantes, bem como características do sistema socioeconômico, tais como a agricultura e pecuária, e suas interconexões e transformações nos processos sociais.

<sup>2</sup> Localizada na macrorregião do Maciço de Baturité, a 70 km da capital Fortaleza, no Ceará, via CE-060. Enquanto a comunidade Riacho das Pedras, que se localiza na zona rural de Redenção, fica aproximadamente a 8,7 km do centro urbano. Conforme dados do IBGE de 2022, em Redenção há cerca de 27.214 habitantes.

compreensão social entre rural e urbano tendo como um dos fios condutores o referido automóvel apresentado neste artigo. A fotografia, guiada em um primeiro momento por este transporte, torna-se um dos pontos de partida de um estudo experimental e laboratorial não somente para o limitado efeito de representar ou congelar “o que está lá” (MARTINS, 2016, p. 37), mas no desafio de contrapor, de modo interdisciplinar (FRIGOTTO, 1995), as vigências conceituais sobre a fotografia e as dinâmicas cotidianas e suas práticas culturais, fugindo de uma percepção folclórica, idílica ou romantizada sobre o contexto rural.

Desse modo, a imagem fotográfica ingressa nessa circunstância como chave-interpretativa capaz de acionar fichas simbólicas que, por meio da observação participante, instiga a ressignificar os espaços cotidianos. Conforme Maria Coutinho, Fabio de Oliveira e Leny Sato (2016), o cotidiano não se resume ao imaginário de mesmice e rotina, mas sim, como o espaço do inusitado. Ou seja, das relações dinâmicas, dialéticas e contraditórias que, por meio de uma racionalidade própria, manejam os processos e conflitos que atravessam a vida (TEDESCO, 1999).

O delineamento metodológico deste escrito se caracteriza por uma abordagem de base qualitativa pautada na observação participante, onde o ato fotográfico torna-se uma prática artesanal de pesquisa crítica e reflexiva que possibilita capturas socioculturais as quais permeiam algumas dimensões das cotidianidades da comunidade Riacho das Pedras. Com isso, esse estudo se estrutura da seguinte forma: 1) apresenta algumas abordagens conceituais que constituem e atravessam as noções sobre fotografia, instigando a categoria de pensamento e análise, sobretudo, como expressão visual do social; 2) os desdobramentos metodológicos que, por meio da observação participante, o(a) pesquisador(a) consegue registrar, documentar e apurar sentidos em virtude de contextos distintos e ativos; 3) leitura espacial e sociocultural do pau de arara e sua importância na reprodução social dos membros envolvidos; e, por fim, 4) como o ato fotográfico aciona análises sobre as sociabilidades na mobilidade rural e urbana; e, dessa maneira, permitindo entender a dialética da heterogeneidade dos espaços rurais, o sentimento de pertencimento e a construção de si na interação e percepção simbólica de mundo.

Nessa perspectiva, se apresenta conceitos e teorias que caracterizam a fotografia como artefato social, histórico e objeto da experiência e manejo do(a) pesquisador(a). E também de representações e significados que esboçam as práticas e os múltiplos olhares e ausências interpretantes do cotidiano: as facetas transversais e os silêncios contidos na imagem enquanto produto social. Desse modo, tem-se como partida a seguinte indagação:

como a fotografia nos possibilita analisar aspectos socioculturais identificados no cotidiano a partir de uma realidade específica?

## **Nos enredos da fotografia**

Inicia-se essa seção com a provocação da antropóloga Olivia von der Weid (2020)<sup>3</sup>, traçando um caminho que permite (re)pensar a fotografia na contemporaneidade e no âmbito do social (MARTINS, 2016). Assim, colocando-a num constante desafio de analisá-la e de pensá-la nas dimensões ontológicas, de produção e atuação na cotidianidade. Conforme José Martins (2016), a cotidianidade fotografada, isto é, o cotidiano capturado pelo olhar-fazer do(a) pesquisador(a) a partir do manejo da câmera e da lente, permite desenhar e causar estranhamento sobre o que é dito como não evidente, insignificante ou o que está à margem. Assim, a fotografia documenta, representa, expressa e registra, mas não na totalidade, as múltiplas tensões e facetas da vida cotidiana nas suas carências e absurdos (MARTINS, 2016, p. 56). Ou seja, como produtora de imagens que borbulham o imaginário social, constituem as subjetividades, desdobram-se no empirismo e se entrelaçam no cotidiano.

De modo não fechado a novas discussões, a fotografia apresenta-se numa polifonia de estilos e narrativas pautadas em capturar e presentificar a vida. Como ato de experimentações e vivências, tornam-se imagens que imaginam o mundo (FLUSSER, 1985, p. 10). Nesse fluxo, o imaginário é encarado como força criadora capaz “de fazer e decifrar imagens” (FLUSSER, 1985, p. 7), ou seja, como fenômeno e produto imagético, estético e do devir humano.

A fotografia, além de possuir uma dimensão estética, metafórica, representativa e mimética, circunscrita na filosofia e nas artes, é também genealógica, de expressão das manifestações culturais e das conflitantes relações humanas, que se moldam na antropologia, sociologia e história. Nesse sentido, também se concebe como um vetor de análise, explicação, compreensão e problematização das dimensões ontológicas do social na cotidianidade (MARTINS, 2016, p. 33). Por isso, deve-se levar em consideração a escolha de procedimentos, ferramentas e equipamentos que possibilitem (re)criar linhas de discussão perante um fenômeno ou uma problemática.

---

<sup>3</sup> A autora realiza uma pesquisa imersiva sobre o papel da imagem e as relações do ato fotográfico nas experiências de variados artistas cegos e não-cegos.

Cada enquadramento, escolha do ângulo espacial, clique, corte, recorte e pausa, presentifica e fornece vibrações ao fazer pesquisa enquanto ato. O clique é parte sensorial do ato fotográfico (DUBOIS, 1993; SANCHES-JUSTO, 2013) que se faz na interação de significados surgidos de um momento decisivo. Cujas forças se alicerçam num conjunto de práticas conforme questões particulares (ROUILLÉ, 2009), assim conduzindo o *corpus* de obras singulares e *insights*. Com isso, estimula-se a sensibilidade do(a) observador(a) e pesquisador(a), permitindo a construção de outras óticas sobre a realidade social observada e as ocultações dos elementos que a geram.

Assim, concebe-se a fotografia como referencial teórico-metodológico, hermenêutico, estético e, por não dizer, epistêmico (BECKER, 2009; BARTHES, 1984) no desenvolvimento de uma arte. Desse modo, permite analisar as façanhas caóticas do cotidiano, pois as fotografias elaboradas não pretendem exclusivamente representá-lo, mas sim, instigá-lo à categoria de pensamento e análise. Isto é, pensar a fotografia através de uma configuração temporal-espacial das imagens, dando-lhe significados, tonalidades e signos para referenciar a própria imagem no âmbito social.

## Desdobramentos metodológicos e a dimensão do olhar

A questão “o que é uma imagem” precisa de uma abordagem antropológica, já que uma imagem, como veremos, em último caso atinge uma definição antropológica. A história da arte normalmente responde a outras questões, já que ela estuda a obra de arte (seja ela uma imagem, escultura ou impressão), um objeto tangível e histórico que permite classificação, datação e exibição. Uma imagem, por outro lado, desafia tais tentativas de reificação, mesmo naquela escala em que ela geralmente flutua entre existência física e mental. (BELTING, 2005, p. 66).

Os desafios que permeiam a análise de imagem, ou seja, a imagem enquanto fotografia de um cotidiano, reflete o que Hans Belting (2005) busca entender sobre os desdobramentos de sua função e sentido. Segundo o autor, a imagem (fotográfica) nos permite estabelecer um sentido de diálogo entre imagens de nós mesmos e o mundo visível. Por este viés, a antropologia da imagem, auxiliada com a ida ao campo de pesquisa, visa compreender os fenômenos sociais em suas perspectivas. Nesse sentido, ao buscar entender “o que é e o que faz uma imagem?” (BELTING, 2005, p. 68) a partir da leitura social, nos desafia e nos estimula à procura por respostas.

Assim, a categoria da fotografia, surge como um aspecto ainda mais intrigante no processo de análise da imagem, uma vez que,

[...] tornou-se outro tipo de cunhagem. Não mais a modelagem ou desenho da superfície do corpo como volume, e sim a impressão da aparência plana do corpo sob luz e subsequentemente no papel. Esse tipo de impressão fixou o momento na permanência e, desse modo, reencenou aquele hábito de desenhar a sombra lançada sobre a parede que levou Henry Fox Talbot, durante algum tempo, a pensar em chamar seu invento de “ciografia” antes de decidir nomeá-lo “fotografia”. (BELTING, 2005, p. 71).

A importância da antropologia da imagem se torna imprescindível, pois como destacada por Belting (2005), a fotografia em sua construção material captura um determinado contexto que precisa estar conectado com a realidade visitada e estudada. Por este fato, o percurso analítico visará uma perspectiva enviesada na participação em campo para uma compreensão antropológica, social e visual dos agentes em estudo.

### *Tipo de pesquisa*

O presente estudo se materializa a partir de uma abordagem metodológica qualitativa (MINAYO, 2002) amparada na observação participante, que consiste no ato da “[...] ‘observação por participação’ e ‘observação por experimentação’ (participação-intervenção) que implicam certamente no envolvimento pessoal do investigador nas situações reais e na interferência deste nos processos sociais locais” (FALS BORDA, 2013). Alinhado ao ato fotográfico, essa experiência torna-se uma prática artesanal de pesquisa crítica e reflexiva, possibilitando mergulhos que captam questões socioculturais nas quais permeiam as realidades.

Na busca de capturar cenas da realidade social, este escrito se guia num estudo da vida cotidiana e nos aspectos socioculturais dos(as) moradores(as) da comunidade Riacho das Pedras até o centro urbano, em que o pau de arara é um dos motores de mobilidade que nos faz (re)pensar os espaços, os lugares (CERTEAU, 1998) e, conseqüentemente, as formas de sociabilidade e interações da realidade cotidiana.

### *Cenário e participantes da pesquisa*

Tendo como cenário a comunidade rural serrana Riacho das Pedras e o trajeto até o centro de Redenção-CE, registra-se a partir da lente, do olhar crítico e de destreza interpretativa, alguns aspectos da cotidianidade. Assim, atenta-se em apresentar algumas configurações espaciais, demográficas e relações socioeconômicas.

A chegada à comunidade dá-se pela via CE-253, interligando até o município de Pacoti. Ao percorrer para a direção da direita, atravessando outra comunidade chamada Olho D'água, a rodovia asfaltada dá lugar a um percurso de subida sinuosa formado por campos rochosos, vielas e uma estrada de barro com pequenos pedregulhos. Estima-se que a comunidade é composta por um número de 100 famílias, dado adquirido por intermédio da Agente Comunitária de Saúde responsável por mapear e fazer visitas quinzenais à comunidade.

Rodeado pelas serras de floresta úmida, mesmo em período de poucas chuvas, de clima tropical quente do semiárido e íngremes maciços residuais e depressões sertanejas, os membros mais antigos não sabem ao certo o porquê da escolha do nome da comunidade, mas acreditam que tal titulação dá-se devido aos diversos riachos, hoje córregos que cortam Riacho das Pedras. Atualmente, tais córregos e outras correntes de água fresca banham dois açudes que abastecem os campos de plantações. Desse modo, destaca-se que as relações socioeconômicas são voltadas para agricultura (plantações de banana, milho, arroz, batata doce e outras hortaliças) e pecuária (criação de porcos, galinhas, patos e cabras).

### *Procedimentos e técnica de produção de sentidos*

Ao utilizar a fotografia enquanto dispositivo teórico-metodológico, busca-se tornar evidente os epistemes insurgentes e divergentes que se agenciam na prática. Ou seja, consiste numa perspectiva imagética, estética e de habilidade técnica (espacialidade, iluminação, funções de foco, ângulo e lente), entrelaçada numa artesanania de pensamento e de intuição. No ato fotográfico, segundo Henri Cartier-Bresson (2004), a intuição transcende o puro enquadramento. A realidade apresentada aos sentidos é composta no próprio ato de intuir e traduzir a imaginação que ronda o que se observa. Essa mesma realidade tão cheia de significados.

Assim, as fotografias devem ser observadas, produzidas, elaboradas e conceitualizadas seguindo uma variedade significativa de experiências, vivências, da intuição e de imagens que tangenciam a esfera social (MARTINS, 2016). Nesse ângulo, a



fotografia assume-se enquanto uma artesanaria, sendo necessário vivenciar e buscar captar pelos(as) pesquisadores(as) os sentidos produzidos nos espaços, sejam eles em movimento ou em espera, bem como os lugares que retratam o cotidiano, entre os quais aqui evidenciamos a comunidade Riacho da Pedras.

Destaca-se que visitas foram realizadas à comunidade, em que nosso objeto de estudo também era nossa locomoção, o pau de arara. Levávamos conosco uma câmera de celular e uma caderneta para que tomássemos notas de forma livre (BARBIER, 2002) de tudo aquilo que nos chamasse atenção, ou que transpassasse o sentido da imagem congelada. Assim, ressalta-se que fomos conduzidos a cenários sociais capazes de conceitualizar e teorizar os modos de vida comunitários, os quais, através de nossas lentes, buscamos registrar a cotidianidade.

### *Análises*

Conforme o conteúdo produzido (conjunto de fotografias que configura os preâmbulos de um ensaio fotográfico), e na busca por traçar e apreender sentidos ao ensaio, recorre-se ao que Célia Magalhães (2001) define por Análise Crítica do Discurso. Esse tipo de análise está para além da dimensão textual e contextual, em que abarca a dimensão da prática social. Por meio da Análise Crítica do Discurso, busca-se uma relação entre texto — as fotografias são textos em que se escreve com a luz —, e o contexto social, que possibilita a categorização e a teorização entre a relação dialética e as ações discursivas (a noção de agência) e permanências discursivas (aspectos das estruturas), ao modo conferido por Lilie Chouliaraki e Norman Fairclough (1999).

Nessa linha, Adail Rodrigues-Júnior (2009) discorre que a Análise Crítica do Discurso parte de um parâmetro da linguagem, à medida que essas práticas discursivas resultam de práticas sociais. Então, cada clique, pausa, composição e processo de tratamento e edição reconstrói o contexto e fornece um olhar para as cotidianidades na comunidade nessa mobilidade entre rural e urbano. Assim, desencadeando compreensões de sociabilidades, de interações e de representações de si no referido contexto e suas percepções simbólicas de mundo. Um *hodós*<sup>4</sup> para outros olhares.

---

<sup>4</sup> “O caminho sempre pressupõe duas margens e um ‘entre’. A este ‘entre’ das margens os gregos denominaram *meta*, que significa ‘através de, entre’. *Hodós* significa caminho. Daqui se origina a palavra portuguesa método. Este pressupõe um caminho que se dá através do ‘entre’” (CASTRO, 2015, p. 204).

## O pau de arara nas capturas de um contexto

O pau de arara, além de ser visto como elemento das epopeias cearenses, é um automóvel comum na região do nordeste brasileiro, especificamente em algumas cidades interioranas e de pequeno porte. Sua função está voltada para o transporte de passageiros ou cargas e o mesmo apresenta pouquíssima segurança para os usuários (SILVA; PEREIRA; MAPURUNGA, 2014). Por vezes, o automóvel é retratado na literatura e em algumas produções cinematográficas como um dos símbolos da representação do êxodo rural ocorrido do nordeste para o sudeste, entre as décadas de 1950-1980 (MUELLER; MARTINE, 1997; CAMARANO; ABRAMOVAY, 1999). Desenhando no imaginário social o fenômeno da migração do “pobre nordestino” até as “terras do sul”, tal como é retratado nos versos do cordel “A Triste Partida” de Patativa do Assaré (2002).

Pontua-se também que o imaginário do pau de arara era fabricado por narrativas televisivas e jornalísticas, ligadas ao cenário político de uma agenda de desenvolvimento progressista, que forjava processos discriminatórios e ideias deturpadas sobre a região nordeste, muitas vezes apresentada como uníssonas (SILVA, 2018). Assim, consolidando-se imagens estereotipadas e estigmatizadas que intensificam as desigualdades sociais e negam a diversidade das identidades, suas agências e práticas culturais.

Neste artigo atenta-se à relação estabelecida entre o veículo e os(as) moradores(as) da referida comunidade em estudo, à medida que o pau de arara assume outros aspectos na cotidianidade, como trocas de bens simbólicos que transitam do material ao imaterial. O pau de arara torna-se para a comunidade um objeto de sentido singular que transporta, ora em movimento ou estático, uma ampla e tênue rede comunitária numa dialética entre o rural e urbano. E ao mesmo tempo, um suporte ontológico da vida, de cruzamento de corpos, saberes e experiências.

Na cidade de Redenção existem, aproximadamente, onze caminhões pau de arara que fazem a locomoção de pessoas e cargas, e que atravessam os distritos e outras comunidades rurais para o centro urbano, fornecendo o abastecimento de bares, bodegas<sup>5</sup> e mercearias da região rural. Nesse contexto, selecionamos o pau de arara que faz o trajeto dos(as) moradores(as) de Riacho das Pedras até o centro, por intermédio do motorista e morador da comunidade, o Tonho (nome fictício)<sup>6</sup>. De segunda a sábado, apenas durante

---

<sup>5</sup> Pequeno estabelecimento de vendas, em sua maioria, de bebidas alcoólicas e uma variedade de miudezas. Se torna uma opção mais acessível quando não se pode ir a um supermercado.

<sup>6</sup> Optou-se pela não identificação de Tonho, assim como outros indivíduos envolvidos na pesquisa, devido a preservação de identidade relacionada aos processos éticos da investigação. Nesse sentido, o

o período matutino, Tonho faz a rota entre a comunidade até o centro da cidade, em que é cobrado de cada passageiro(a) o valor de R\$ 5,00.

Nesse contexto, se evidencia o difícil acesso a Riacho das Pedras devido aos aspectos voltados a dois principais pontos: 1) o acesso à comunidade por meio do pau de arara só é possível, na maioria das vezes, para aqueles que não possuem um transporte próprio em horários matutinos; e 2) a impossibilidade de serviços básicos que garantem condições mínimas de bem estar social. Dessa maneira, Verônica Ximenes e James Moura Jr. (2013, p. 455) destacam que “[...] geralmente, os moradores das áreas rurais cultivam sentimentos positivos relacionados às suas comunidades apesar de, na maioria dos casos, o acesso aos serviços básicos de educação, de segurança, de saúde e de assistência serem de difícil acesso”.

Esta restrição demonstra o pau de arara como possibilidade de acesso aos serviços prestados na cidade, não presentes na comunidade. Nesse ângulo, se traz o pau de arara conduzido pelo Tonho como sua maior fonte de renda, assim evidencia-se as relações de poder em um contexto micro. Aqui o poder não se limita apenas como repressivo ou “[...] probabilidade de impor a própria vontade numa relação social, mesmo contra resistências, seja qual for o fundamento dessa probabilidade” (WEBER, 2009, p. 33), confinando no seu centro.

---

intuito de adentrar no campo de análises sem parecer “corpo estranho”, visou uma inserção no meio sem causar alterações no cotidiano dos implicados.



Figura 1 –Rastros: caminho percorrido pelo pau de arara. Fonte: Acervo do autor (2019).

Por este caminho decifra-se que essas relações de poder se encontram numa configuração simbólica, não apenas dotado ao Tonho, pois configuram as formas de socialização nesse contexto de mobilidade entre o rural e urbano. Assim, as sociabilidades funcionam na referida comunidade como liga permeada de interações de si e com o outro, vinculando-se a outras relações comunitárias.

### **Sociabilidades na mobilidade rural e urbana**

Como já apontado, a mobilidade rural e urbana dá-se no pau de arara, que para além da locomoção de pessoas, faz o deslocamento de animais e compras realizadas no centro de Redenção. Destaca-se que a rotina para alguns(mas) moradores(as) da comunidade se inicia com o raiar do sol. Mas é somente a partir das 6h30min que o burburinho da caçamba do pau de arara do Tonho começa a engatar seu rugido maquinário a cada parada e embarque. Aglomerados e sentados num estreito suporte de madeira acoplável a

carroçaria, moradores quase a cochichar pronunciam pacatos “bom dia”, ao mesmo tempo que pressentem o estardalhaço dos pneus ao descer a serra.

Este “remexido” torturante e perigoso que o pau de arara faz ao percorrer pela estrada de barro parece passar despercebido por alguns(mas) passageiros(as) que se encontram, na maioria das vezes, acostumados com o trajeto realizado. Esta situação se agrava especificamente quando se trata das más condições da estrada de barro, que se alimenta na incredulidade de ações e projetos dos gestores políticos da região, e se manifestam nos comentários ao longo da viagem por parte dos(as) passageiros(as). Realidade apresentada na comunidade em estudo, lembrando características da velha república, ao associar as supostas melhorias” na comunidade apenas em período de eleição, como resultado da superposição de um regime representativo a uma estrutura política, econômica e social, assemelhando-se às práticas coronelistas nas suas possíveis ramificações (LEAL, 2012).

Mesmo diante da indignação política e da vontade de melhorias na estrada (asfaltá-la), os mesmos a percebem a partir do sentimento de pertencimento que se trilha em memórias e afetos, e a relação que se desenvolve com o espaço à sua volta, assim, sendo atribuído um sentido de comunidade. Seymour Sarason (1974) destaca que o pertencimento é um sentimento associado a uma rede de suporte mútuo, por meio de colaborações conscientes em prol de um objetivo comum e de manutenção da interdependência entre sujeitos. Enquanto Vilkiene Barbosa (2020, p. 39) aponta que “[...] este pertencimento demarca o que faz parte da comunidade (o que está dentro), e também o que não faz parte (o que está fora), existindo limites assegurados por território emocional e/ou físico de quem faz parte e de quem não faz parte do grupo”.

Compreende-se dessa maneira que as sociabilidades nas esferas do rural e urbano dão-se de maneira ativa e mútua, causando sentimento de pertencimento, cuja sinestesia se guia simbolicamente nos objetos, nos gestos, na linguagem, na memória (SANCHES-JUSTO, 2013), na participação dialética ao compartilhar suas recordações afetivas e os processos conflitantes nessa mobilidade. Assim, ao retratar as ruralidades, Francisco Rebouças Júnior e Verônica Ximenes (2010, p. 155) as concebem a partir da construção de subjetividades e das relações desenvolvidas entre moradores(as) e com os contextos sociais representados por meio de vínculos afetivos, sentimento de pertença e de questões em torno da vida. São sentimentos e memórias que se revelam e expressam no corpo (CLASTRES, 1990), na fala, na vestimenta, nos apertos de mãos, nos gestos, nas piscadelas, nas piadas sarcásticas e irônicas. De tal forma, concebe-se o corpo como

construção e mapa cultural (CANEVACCI, 1990). O corpo é parte do processo dialético de sociabilidade, de aprendizagem cultural e signo das relações sociais (ZARIAS; LE BRETON, 2019; GILBERT; KELLERMAN, 2020).

Aqui apresenta-se o conceito de sociabilidade a partir do processo consigo e o outro, bem como no contexto dialético entre rural e urbano, configurando os significados simbólicos que surgem da interação (JOAS; KNÖBL, 2017). Isto é, na confluência da construção de si (do *eu*) na interação e percepção simbólica de mundo (BLUMER, 1980). Este processo possibilita formular seus próprios objetos perante as experiências vivenciadas.



Figura 2 –Peripécias: ponto de espera na praça José Costa Ribeiro. Fonte: Acervo do autor (2019).

Outro elemento característico da sociabilidade dá-se também no ponto de retorno à comunidade — o mesmo fica no entorno da praça José Costa Ribeiro. Este espaço acumula o maior fluxo de pessoas e concentração do comércio urbano. Na praça param para conversar sobre o cotidiano que nutre alguns acontecimentos da vida: das paixões, dos sonhos. Dessa forma, os registros com a fotografia, nos possibilita interpretar anseios, peripécias, dores e artimanhas, ou seja, uma variedade de sentimentos, sobretudo, de suas memórias, conforme salienta Joana Sanches-Justo (2013, p. 23), ao dizer que “[...] a vida capturada pela fotografia torna-se uma coleção de retratos”. Na busca de construir um

retrato social, apresenta-se a praça e a igreja católica Nossa Senhora da Conceição, no centro urbano, como marca de sociabilidades e também de memórias.



Figura 3 – Odisseia: ponto de encontro na Igreja Matriz. Fonte: Acervo do autor (2019).

Nesse jogo de interações simbólicas, compreendemos o pau de arara como uma das partes da sociabilidade em que as tramas sociais perpassam as experiências vivenciadas dos(as) moradores(as) da comunidade citada. Por exemplo, observa-se na “boleia”<sup>7</sup> da maioria dos paus de arara que existem objetos simbólicos que demonstram a religiosidade dos motoristas, assim, confiando suas viagens a crença e devoções. É por meio deste objeto de poder e de eficácia simbólica que conduz a vida cotidiana e espiritual, que se estabelece uma “[...] harmonia do paralelismo entre mito e operações” (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 232). Dessa maneira, são desencadeados laços com a comunidade através da religião, garantindo o lucro e boas relações aos motoristas. Logo então, o catolicismo é

---

<sup>7</sup> A cabine do pau de arara ou do caminhão onde o motorista dirige e também descansa é popularmente conhecida como boleia.

uma marca sociohistórica e simbólica, a qual estabelece as operações que tangenciam as relações de poder e da estrutura organizacional da comunidade e da cidade.



Figura 4 – Devoção: à espera dos passageiros. Fonte: Acervo do autor (2019).

Outro elemento de eficácia simbólica que remonta a religiosidade da comunidade é a capela Nossa Senhora de Lourdes. Embora exista a presença de outras religiosidades e dogmas, as instituições religiosas predominantes são cristãs. Estrategicamente, desde a formação do mundo moderno, a presença de instituições religiosas cristãs se localiza nos centros das pequenas comunidades ou cidades. É a demonstração de estruturas hegemônicas de manutenção do poder e controle perante a um povo ou vilarejo (FALCON; RODRIGUES, 2006). Assim, tornam-se responsáveis por nivelar a organização e as relações sociais, configurando os núcleos familiares e introjetando valores e moralidades (DURKHEIM, 1996).





Figura 5 – (Contra)partida: embarque/desembarque na comunidade Riacho das Pedras. Fonte: Acervo do autor (2019).

Convida-se a pensar sobre a construção de si que se dá a partir das interações entre as famílias desta comunidade, considerando seus processos simbólicos que constituem as narrativas em torno de cada sujeito. Pontua-se que o contexto rural é dinâmico, vivo e complexo (GÓIS, 1993). Um contexto dotado de práticas culturais que se expressam nos dialetos locais, nas relações com a natureza (principalmente com os trabalhos agrícolas e pecuários), e na arquitetura das casas. Dessa maneira, desenvolve-se os traços da personalidade, onde a comunidade submete aos membros seus parâmetros e valores. Pois, os processos de socialização inserem o sujeito dentro de dinâmicas comunitárias, influenciando sua formação de mundo.



Figura 6 – Antologia da vida cotidiana: atividade pastoril próxima ao ponto de partida/chegada. Fonte: Acervo do autor (2019).

Cabe destacar as marcas de antigas e novas gerações amparadas no tempo e espaço que se costuram dentro de uma dialética rural. É indispensável não discutir os conflitos nas relações em cada geração, principalmente nessa mobilidade. Desse modo, a partir dos estudos de Maria José Carneiro (1998), nota-se que as juventudes se percebem mais distantes de valores morais e culturais moldados e preservados pela oralidade e corporeidade dos membros mais velhos da comunidade. As juventudes, mesmo cultuando laços com a cultura local, percebem sua autoimagem refletida em novas configurações socioculturais emergentes a sua nova condição no espaço-tempo (CARNEIRO, 1998).

Por exemplo, o uso de novas tecnologias e mídias digitais, que antes eram restritas somente a televisão ou rádio, agora configura as dinâmicas rurais das juventudes na comunidade. Dessa forma, conforme apontam Maria José Carneiro e Elisa Castro (2007) suas subjetividades frente aos costumes e rituais cotidianos comumente praticados por seus antepassados em um referido contexto, vão se modificando com o tempo. Visto que, essas novas mentalidades e práticas no cenário rural se caracterizam a partir da crescente mobilidade dos indivíduos, sobretudo ao trânsito dos jovens entre o “campo” e a “cidade” (CARNEIRO; CASTRO, 2007). Com isso, demonstra-se um conjunto de subjetividades que se deve levar em consideração, a partir dos novos contextos existenciais que se

segmentam por meio de concepções socioculturais ligadas aos processos de mudanças das realidades.

É importante ressaltar a heterogeneidade dos espaços rurais, sequenciado das formações de suas comunidades como fator essencial para o aprimoramento das análises do contexto. Com realidades variadas, englobando diversas práticas culturalmente estabelecidas e não estáticas, deve-se não cair no equívoco da associação e unificação do “campo” como dicotômico ou preso num romantismo bucólico e inerte, que contribui para uma análise supérflua e estereotipada da realidade (WILLIAMS, 1988).

Com uma idealização sócio-histórica e imagética do “campo” e da “cidade”, associamos características pré-estabelecidas a esses espaços, impossibilitando pensar em correlações ou associações entre ambos. O recurso da imagem, bem como o da fotografia como ato e fonte de análise, precisa desassociar conceitos estagnados face a oposição histórica dos “campos” com as “cidades”. No entanto, conforme Williams (1988), entender a realidade em questão é uma busca em analisá-la por uma ótica coerente às diversidades sociais e culturais das coletividades inseridas em um determinado espaço e tempo.

Com as constantes alterações dos moldes e representações sociais, buscou-se analisar as imagens fotográficas mediante a interpretações da realidade local, bem como decifrar o significado dos símbolos, do sentimento de pertencimento, das interações e corpos expostos. Dessa forma, entende-se as dinâmicas territoriais e as relações urbano-rurais, da mesma maneira a identificar as interdependências espaciais e funcionais dos ambientes (MARQUES, 2003). À vista disso, tem-se o pau de arara como veículo de marco cultural, simbólico e espacial que se utiliza desta relação do “campo” com a “cidade” para transportar interações, representações, memórias e trajetórias de vida.

Nessa complexa mobilidade urbana e rural, em que as cotidianidades estão atreladas às formas de sociabilidades, concebe-se a fotografia a partir da forma, do conteúdo e da criação. Ou seja, a utilizamos como dispositivo teórico-metodológico que possibilita (re)pensar, de maneira crítica, reflexiva, criativa e imagética, em torno do olhar, sentir e fazer do(a) pesquisador(a) sobre as noções da vida cotidiana e seus diversos contextos.

## Considerações finais

As dicotomias construídas entre o rural e o urbano reforçam e potencializam uma depreciação do “campo” e a exaltação da “cidade”. O pau de arara apresentou-se como

artefato de pesquisa e fio condutor das cotidianidades, dialogando com o que parecia ser uma dependência das pessoas da comunidade Riacho das Pedras ao centro da cidade de Redenção, Ceará. Frente a essa relação dialética, o pau de arara se tornou um elemento unificador e conflitante dos dois centros, e também elemento importante no trânsito de contextos sociais.

Obtendo a fotografia como ferramenta de análise de expressão visual e agindo como dispositivo teórico-metodológico, interpretativo e estético, fez-se uma chamada para utilizá-la como força motriz analítica, considerando cenários, narrativas e sujeitos. Destacam-se os ambientes observados como lugares em constantes metamorfoses. Isto posto, evidenciou-se no espaço rural em estudo, as relações comunitárias, questões políticas, aspectos socioculturais, interações e breves aspectos econômicos que refletem uma realidade dinâmica, operante e ativa. Fatores que não estão distantes do que é vivido no centro urbano, por exemplo. Diante disso, utilizamos a fotografia de forma subjetiva-objetiva de um recorte social, fornecendo uma análise micro e detalhada, pautada no recurso visual e na pesquisa participante.

Por fim, concebe-se que este estudo ainda possui algumas limitações em torno do processo analítico do social, permeado nos espaços do “campo” e da “cidade”, com suas características rurais e urbanas. Dito isso, o fazer investigativo das construções locais e dos significados coletivos tornam-se, neste trabalho, o início de um processo analítico maior e mais aprofundado que pretende avançar mediante aos novos debates sobre as categorias em estudo. Por fim, a fotografia alavancou as intelecções, trazendo à tona sujeitos importantes ao discernir o contexto sociocultural das cotidianidades, resultando em múltiplas possibilidades de pensar e agir, entre rural e urbano, o fotógrafo e o fotografado.

## Referências

- ASSARÉ, Patativa do. *Cordéis*. Fortaleza: EUFC, 2002.
- BARBIER, Renée. *A pesquisa-ação*. Brasília: Editora Plano, 2002.
- BARBOSA, Vilkiane Natércia Malherme. *As implicações psicossociais da pobreza na relação entre sentido de comunidade e desigualdades sociais de gênero no Parque da Liberdade*. 2020.170f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) — Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BECKER, Howard Saul. *Falando da Sociedade*: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BELTING, Hans. Por uma antropologia da imagem. *Concinnitas*, n. 8, p. 64–78, 2005.

BLUMER, Herbert. A natureza do interacionismo simbólico. In: MORTENSEN, C. David. *Teorias da comunicação*: textos básicos. São Paulo: Mosaico, 1980. p. 119–137.

CAMARANO, Ana Amélia; ABRAMOVAY, Ricardo. *Êxodo Rural, Envelhecimento e Masculinização no Brasil*: Panorama dos Últimos 50 Anos. Texto para discussão nº 621. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 1999.

CANEVACCI, Massimo. *A Antropologia da Comunicação Visual*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

CARNEIRO, Maria José. O ideal rurbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira; SANTOS, Raimundo; COSTA, Luis Flávio (Org.). *Mundo rural e política*: ensaios interdisciplinares. Rio de Janeiro: Campus, 1998. p. 94–118.

CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná (Orgs.). *Juventude rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CARTIER-BRESSON, Henri. *O imaginário segundo a natureza*. Barcelona: Ed. GG, 2004.

CASTRO, Manuel Antônio de. *Leitura: questões*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2015.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: as artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse in late modernity*: rethinking critical discourse analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

CLASTRES, Pierre. *A Sociedade Contra o Estado*. Rio de Janeiro: São Francisco Alves, 1990.

COUTINHO, Maria Chalfin; OLIVEIRA, Fábio de; SATO, Leny. Olhar o cotidiano: percursos para uma psicologia social do trabalho. *Psicologia USP*, v. 27, n. 2, p. 289–295, 2016.

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Campinas-SP: Papirus, 1993.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FALCON, Francisco; RODRIGUES, Antonio Edmilson. *A formação do mundo moderno*: a construção do Ocidente dos séculos XIV ao XVIII. 2.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

FALS BORDA, Orlando. Romper el monopolio del conocimiento. In: HERRERA FARFÁN, Nicolás Armando.; LÓPEZ GUSMAN, Lorena. (Orgs.). *Compromiso y cambio social*. Textos de Orlando Fals Borda. Buenos Aires: El Colectivo Lanzas, 2013. p. 253–263.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta*: Ensaio para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Hucitec, 1985.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais. In: JANTSCH, Ari Paulo; BIANCHETTI, Lucídio (Orgs.). *Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 25–49.

GILBERT, Ana Cristina Bohrer; KELLERMAN, Paulo. Geografias corporais: dança, corpo e deficiência. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v. 24, p. 1–28, 2020.

GÓIS, Cezar Wagner de Lima. *Noções de Psicologia Comunitária*. Fortaleza: Edições UFC, 1993.

IBGE. *Cidade de Redenção-CE*. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ce/redencao.html>. Acesso em: 08 ago. 2022.

IPECE. *Gerência de Estatística, Geografia e Informações*. Disponível em: <https://www.ipece.ce.gov.br/estatistica-e-geografia/>. Acesso em: 10 ago. 2022.

JOAS, Hans; KNÖBL, Wolfgang. Abordagens Interpretativas (1): interacionismo simbólico. In: JOAS, Hans; KNÖBL, Wolfgang. *Teoria Social: vinte lições introdutórias*. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 154–172.

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A eficácia simbólica. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 215–236.

MAGALHÃES, Célia Maria. *Reflexões sobre Análise Crítica do Discurso* (Org). Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001.

MARQUES, Teresa Sá. Dinâmicas territoriais e as relações urbano-rurais. *Revista da Faculdade de Letras – Geografia*, v. XIX, p. 507–521, 2003.

MARTINS, José de Souza. A fotografia e a vida cotidiana: ocultações e revelações. *Sociologia da Fotografia e da Imagem*. São Paulo: Contexto, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 9–30.

MUELLER, Charles C.; MARTINE, George. Modernização da agropecuária, emprego agrícola e êxodo rural no Brasil - a década de 1980. *Revista Brasileira de Economia Política*, v. 17, n. 3, p. 85–104, 1997.

REBOUÇAS JÚNIOR, Francisco Gilmário; XIMENES, Verônica Morais. Psicologia comunitária e psicologia histórico-cultural: análise e vivência da atividade comunitária pelo método dialógico-vivencial. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, v. 2, n. 5, p. 151–162, 2010.

RODRIGUES JÚNIOR, Adail Sebastião. Análise crítica do discurso: modismo, teoria ou método? *RBLA*, v. 9, n. 1, p. 99–132, 2009.

ROUILLÉ, André. Tensões da fotografia. In: ROUILLÉ, André. *A fotografia: Entre documento e arte contemporânea*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2009. p. 189–229.

SANCHES-JUSTO, Joana. *O ato fotográfico: memória, prospecção e produção de sentidos na velhice*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

SARASON, Seymour Bernard. *The psychological sense of community: prospects for a community psychology*. San Francisco: Jossey Bass, 1974.

SILVA, Flávio José Rocha da. Nordeste: imagem real ou fabricada? *Revista de Ciências Sociais*, v. 49, n. 2, p. 575–600, 2018.

SILVA, Ivo Luis Oliveira; PEREIRA, Gleyce Anne Castro; MAPURUNGA, Gláudia Mota Portela. Pau de Arara e o vai e vêm das romarias: um estudo etnográfico do transporte no município de Canindé – Ceará. *Cenário – Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília*, Brasília, v. 2, n. 2, p. 104–120, 2014.

TEDESCO, João Carlos. *Paradigmas do cotidiano: introdução à constituição de um campo de análise social*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1999.

VON DER WEID, Olivia. Fotografias de cegos: olhar além da visão. *Revista Sociedade e Cultura*, v. 22: e. 53796, p. 1–48, 2020.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. 4. ed. vol. 1. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

XIMENES, Verônica Morais; MOURA JÚNIOR, James Ferreira. Psicologia Comunitária e Comunidades Rurais do Ceará: caminhos, práticas e vivências em extensão universitária. In: LEITE, Jáder Ferreira; DIMENSTEIN, Magda (Org.). *Psicologia e Contextos Rurais*. Natal: EDUFRN, 2013. p. 453–476.

ZARIAS, Alexandre; LE BRETON, David. Corpos, emoções e risco: vias de compreensão dos modos de ação individual e coletivo. *Sociologias*, v. 21, n. 52, p. 20–32, 2019.

Recebido em 14 de novembro de 2022.

Aceito em 28 de abril de 2023.